

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO V Nº 19 VIANA-MÁ, FEVEREIRO DE 2008



VIANA
250
ANOS
DE
MEMÓRIA

Editorial

ELEIÇÕES, CIDADANIA E REIVINDICAÇÕES

Graças à dinâmica da nossa Democracia, mais uma vez estamos em um ano eleitoral. Neste ano, realizar-se-ão eleições para a escolha do prefeito e dos vereadores. A cidadania vianense será desafiada para escolher, e escolher bem, seu prefeito e seus representantes na Câmara Municipal.

As necessidades básicas do município são do conhecimento geral. O que caberá aos eleitores é ouvir e avaliar as propostas dos candidatos e escolher os melhores para a Câmara e o melhor para ocupar a cadeira mais importante da Prefeitura Municipal.

Este é um momento em que os interesses pessoais devem curvar-se aos interesses gerais, para que, no futuro, não haja arrependimento nem censura.

Os desafios da administração municipal são cada vez maiores e só podem ser atendidos pela competência de administradores capazes e comprometidos com o progresso do município.

Particularmente, para nosso município, abrem-se os apelos do meio-ambiente, da conservação do lago, da educação, da saúde pública, da urbanização planejada, do saneamento básico, de uma rede de esgoto, da cultura, da pesca e tantos e tantos outros desafios que precisam ser enfrentados e resolvidos.

Desde a entrada da cidade percebe-se um rosário de construções desenfreadas, grosseiras, sem qualquer planejamento, cada um querendo levar a vantagem de avançar até comprometer o espaço da via pública.

Esses detalhes também podem fazer parte de um debate eleitoral, pois dizem respeito à política de urbanização da cidade.

Quem são os candidatos?

Ainda é cedo para essa definição, mas já é tempo de começarmos a avaliar os nomes possíveis para corresponder às exigências de uma cidade com mais de 250 anos de existência.

A sociedade civil vianense precisa unir-se, através de suas associações (principalmente a comercial) e de seus sindicatos, para assim manifestar os anseios de progresso que reclamamos. A força que advém dessas manifestações já foi demonstrada em várias cidades, com efeitos positivos para o bem comum da comunidade.

Neste ano de eleição, os cidadãos vianenses não devem perder a oportunidade de exercerem uma cidadania plena e exigente para que tenhamos uma administração municipal mais atenta aos anseios do povo, em respeito à dignidade de cada eleitor.

Casarão da antiga Baixa dos Carvalhos

LUIZ ALEXANDRE



A atual sede da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), este casarão pertenceu a Leonel Alves de Carvalho (1854 – 1919), comerciante bem-sucedido e o 6º prefeito da cidade, após a Proclamação da República. Casado com Judith Leopoldina Gomes de Carvalho, Leonel tornar-se-ia patriarca de numerosa descendência, a qual hoje se encontra na 5ª geração.

Nesta casa nasceram todos os filhos de Leonel e Judith, a saber: Joaquim, Raimundo Eustáquio, Ozimo, Maria Leopoldina, Raimunda Nonata, Clodoaldo, Cipriano e João. Portanto, foi aqui que nasceu o futuro farmacêutico, intelectual e também prefeito de Viana, Ozimo de Carvalho (terceiro filho da prole). Não apenas por esse motivo (se bem que o fato por si só já lhe daria justo destaque), o prédio possui especial significado para a história de Viana.

O casarão situa-se em frente a uma área, naquela época alagadiça no inverno, que ficaria conhecida como “Baixa do Leonel” até as primeiras décadas do século passado. Com o falecimento do proprietário em 1919, não demorou muito para que a viúva vendesse o imóvel e se

mudasse para São Luís.

Dessa forma, o prédio passou para as mãos do Sr. Eusébio Aragão que fez funcionar ali uma padaria por alguns anos, até que João – o filho caçula dos antigos proprietários – retornasse à cidade e adquirisse o velho casarão.

Depois de morar na Paraíba e ter se casado com a cearense Ana (Anete) Pinto (gerando dessa união os filhos Janete, Moema e Pedro Leonel Pinto de Carvalho), João Carvalho decidiu trazer a família e fixar residência em Viana, dando preferência para morar na mesma casa que o viu nascer e crescer. Assim, a partir do final da década de 1930, o local (ainda alagável durante o inverno) passaria a ser conhecido como “Baixa do João Carvalho”.

Em 1964, após a chegada de Dom Hamleto de Angelis e com a

mudança do Sr. João Carvalho para a capital, o casarão foi adquirido pela Diocese de Viana e transformado no “Seminário São José”, abrigando dezenas de jovens adolescentes dos povoados e municípios vizinhos, durante mais de uma década.

Hoje, no local, não mais existe o terreno baldio chamado de “baixa” (e tampouco alaga no período das chuvas), mas o imóvel – para sorte de nosso patrimônio arquitetônico – continua belo, imponente e dando o testemunho concreto de uma história centenária de resistência.

De linhas tipicamente coloniais, mesmo situando-se fora do centro histórico, o prédio foi tombado individualmente pela DPHAP (Departamento do Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Paisagístico do Estado) em outubro de 1988.

Lançamento do livro “Viana te amarei por toda a vida”

Em bonito evento organizado pelo clã dos Soeiros, o patriarca da família lançou seu segundo livro na noite do último dia 12 de janeiro, tendo como palco o adro da Igreja Matriz. Prestigiada pelas presenças dos secretários de Cultura e Educação do Município (José de Mário e Adriana Guimarães, respectivamente), da escritora Mundinha Araújo, do militante do Movimento Negro, Magno Cruz, além dos familiares (filhos, netos, sobrinhos, genros, noras etc.) e amigos do escritor, a cerimônia contou ainda com a participação do padre Eider Furtado Silva, da professora Vitória Santos e da Procuradora de Justiça aposentada, Rosa Maria Pinheiro Gomes que bem representaram a AVL.

Nesta segunda obra, o autor foge um pouco mais de sua história pessoal de vida para ampliar o olhar sobre a cidade e comparar suas memórias com as novas gerações. Assim, o Sr. José Soeiro fornece informações interessantes sobre povoados, festas religiosas, casarões e perso-

nagens que fazem ou fizeram parte da história deste município que tanto contribuiu para a grandeza do Maranhão.

Numa comunidade que até bem pouco tempo atrás parecia ter perdido completamente a memória, é sempre louvável o exemplo de pessoas preocupadas em registrar fatos e dados que enriquecem o acervo memorial coletivo, como faz o Sr. José Soeiro. Nesse contexto, merece destaque o apelo que o autor faz, logo no início do II capítulo do livro, para a necessidade da preservação do patrimônio arquitetônico e histórico da cidade.

“Viana, te amarei por toda a vida”, além de mais uma explícita declaração de amor à terra natal, é o relato autêntico de um cidadão vianense que acompanhou o pulsar desta cidade ao longo de seus 86 anos.

A AVL parabeniza o Sr. José Soeiro pelo novo trabalho, lembrando-lhe que Viana também sabe amar eternamente os filhos que dignificam esta terra lá fora ou aqui mesmo (como é o seu caso), através do testemunho de uma vida honesta e decente.



Cartas recebidas

Brasília, 14 de janeiro de 2008.

Caro amigo Luiz Alexandre,

Estimulada pela leitura de vários números do “Renascer Vianense” (do qual sou assinante), decidí visitar minha cidade natal em novembro passado, depois de longos anos de ausência.

No entanto, a alegria de rever alguns velhos amigos e conhecidos não foi suficiente para amenizar o impacto causado pelo visível abandono de nossa querida Viana. Que tristeza observar o que sobrou do antigo Canto Grande! O chão vazio deixado pelo sobrado do Dr. Ozimo e os escombros do sobrado vizinho; o mato cobrindo o terreno da loja do Sr. Levi Coelho; sem falar das ruínas do sobrado amarelo e do desaparecimento completo de tantos outros casarões de nossa época.

A decepção, porém, não parou por aí: o trânsito desordenado (incluindo as motos), a quase inexistência de calçadas para se caminhar no centro, esgotos correndo a céu aberto (a situação do Moquiço é uma vergonha), a Avenida Luís Couto, logo na entrada, toda esburacada, e tantas e tantas mazelas.

O que fizeram (ou fazem) esses homens que passaram pela Prefeitura de Viana? Será que o povo não sente nada ao ver tamanho descaso com a cidade? Como fica a dignidade dos vianenses, principalmente numa época em que se fala tanto em qualidade de vida?

Sinceramente, embora hoje morando distante, ficaria feliz se pudesse ter a certeza de dias melhores para essa cidade que ainda vive nas minhas lembranças e ocupa um cantinho especial no meu coração.

Ivane Silva Furtado
Assessora Técnica
Ministério da Justiça

■ ■ ■ ■

Brasília, 8 de fevereiro de 2008.

Sr. Presidente,

[...] Soube, este mês, através de uma prima, que estão asfaltando várias ruas, o que certamente acarretará novos problemas para uma cidade sem nenhuma arborização e já bastante quente como Viana.

O asfalto, como é sabido, tem a propriedade de absorver o calor do sol durante o dia (aumentando a temperatura local) e, à noite, expelir esse calor em forma de vapor quente. Além disso, nesse processo o asfalto libera uma quantidade de gases tóxicos que prejudicam a saúde humana. Em cidades de avenidas e ruas largas esses vapores são mais facilmente dispersos no ar, como é o caso de Brasília - por exemplo - que possui avenidas amplas e muito bem arborizadas (sem falar no clima frio em boa parte do ano). São Luís e tantas outras cidades litorâneas contam com a forte ventilação vinda do mar. O mesmo não se pode dizer de cidades distantes do litoral como Caxias, Codó e Santa Inês. Nesses municípios com ruas totalmente asfaltadas o calor se torna sufocante no verão.

O caso de Viana é complicado, principalmente se consideramos que suas ruas são muito estreitas. O povo precisa entender que, pelo menos no centro, não é aconselhável o asfalto. É preferível rodar com dificuldade (lembrando que apenas uma pequena parcela dos vianenses possui veículo motorizado) do que pôr em risco a saúde e o bem-estar de toda a população.

Manoel Santos da Silva
Economista

TRE comete crime contra o patrimônio histórico e arquitetônico de Viana

FOTOS: GERALDO COSTA



Como se não bastassem as agressões cometidas pelo Banco do Brasil e Hemomar ao construírem suas agências na cidade, o já fragilizado patrimônio histórico e arquitetônico vianense sofre mais um terrível ataque à sua integridade.

Desta feita, o agressor é o Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão que, ao mandar construir o prédio para sediar o Fórum eleitoral de Viana em pleno centro histórico, simplesmente ignorou todos os trâmites legais exigidos para novas construções em área devidamente protegida por lei.

Localizada na Rua Professor Antônio Lopes, no terreno outrora ocupado pelo extinto Clube Alvorada e ao lado da casa azulejada que abriga o Cartório do 1º Ofício, a nova construção contrasta de maneira grotesca com os prédios vizinhos não somente na altura desproporcional como na sua volumetria.

A velha e esfarrapada justificativa de que existe apenas uma planta padrão para construção das agências e escritórios dessas entidades, no interior do Estado, não se aplica a Viana, cidade de fisio-



Foto maior: Vista lateral do Fórum em construção.
Foto menor: esquina da Rua Prof. Antônio Lopes entre a Farmácia Sereje e o antigo Cartório do Sr. Ozias Mendonça, onde ficará situada a destoante sede do Fórum

nomia tipicamente colonial.

Seremos sempre a favor do progresso, mas com respeito à nossa história e às nossas tradições. E é possível, sim, promover o desenvolvimento sem desprezar o passado. Afinal somos a 4ª cidade mais antiga do Estado e acabamos de completar 250 anos de história.

Não custaria nada o Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão adaptar uma planta para

sua sede em Viana, de forma que o prédio não destoasse tanto da arquitetura colonial da cidade. Bastaria apenas um pouco de boa vontade.

Chega de tanta dilapidação. É preciso que a comunidade e as autoridades vianenses acordem e se posicionem em defesa do pouco que restou de um dos patrimônios arquitetônicos coloniais mais significativos do interior do Maranhão.

D. XAVIER GILLES

10 ANOS A SERVIÇO DE NOSSA DIOCESE

CARLOS MELO

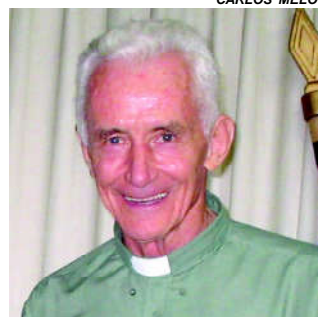
Março será um mês especial para nosso bispo, Dom Xavier (foto): no dia 16 completará 73 anos de idade e, quatro dias depois (20), estará comemorando uma década à frente da Diocese de Viana.

Nascido em Samur (França), no dia 16/3/1935, Xavier Gilles de Moupeou d'Ableiges ordenou-se em seu país de origem, em 30/6/1962, aos 28 anos de idade. Nesse mesmo ano atravessou o Atlântico, a fim de exercer seu apostolado em terras brasileiras.

Depois de rápida passagem por Petrópolis (RJ), o jovem sacerdote chegou ao Maranhão em 1963, assumindo a Paróquia do Monte Castelo em São Luís e logo após a Paróquia de Fátima, onde permaneceu até o ano de 1967. Nesse período vivenciou experiências interessantes como Assistente Eclesiástico da JOC (Juventude Operária Católica) e JOCF (Juventude Operária Católica Franciscana).

Em 1968, Padre Xavier foi nomeado pároco das cidades vizinhas de São Benedito do Rio Preto e Urbano Santos. Foram nove anos de trabalho junto a essas comunidades do interior maranhense que até hoje relembram com carinho da figura carismática do religioso francês.

No começo da década de 1980, ocupou o cargo de coordenador es-



tadual da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) no Maranhão. Também ocuparia o secretariado do CEFAL (Centro Episcopal da França e América Latina), antes de tornar-se Reitor do tradicional Seminário Santo Antonio, em São Luís (1989 a 1994), período em que as vocações sacerdotais começavam a ressurgir entre os jovens, certamente motivadas pela forte atuação da Igreja Católica junto às comunidades mais carentes e pelo contexto social e político daqueles anos.

Após sua ordenação episcopal, em 3/9/1995, na cidade de São José de Ribamar, onde já era pároco desde 1993, assumiu a função de Bispo Auxiliar de São Luís até o ano de 1998, quando veio pastorear o re-

banho católico de parte desta Baixada Ocidental.

Graduado em Filosofia e Teologia ainda na França, D. Xavier possui também Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí e Licenciatura em Direito pela Universidade Federal da Paraíba. Fazendo uso de seus conhecimentos teológicos e de sua experiência pastoral escreveu o livro *Curso bíblico para as CEBs*, publicado pelas Edições Paulinas.

O currículo de Dom Xavier, entretanto, não se resume em tão poucas linhas. A atuação desse homem, que um dia se colocou a serviço de Cristo, vai muito além: são inúmeras as atividades desenvolvidas e funções assumidas ao longo de seus 45 anos de vida religiosa.

Atualmente, o nosso bispo (que faz questão de percorrer quase mensalmente os 22 municípios que compõem a diocese, acabando assim com as chamadas “desobrigas”) é presidente da CPT nacional e presidente Regional da CNBB NE V (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – Nordeste 5).

Parabéns, Dom Xavier! Viana se orgulha de tê-lo como pastor nestes últimos 10 anos e o Maranhão lhe agradece por tamanha abnegação nestas quase cinco décadas de serviços prestados ao povo de Deus.

O RENASCEER VIANENSE

Diretor/Redator: Luiz Alexandre Rapôso

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459, Viana - MA CEP: 65.215-000



Posse da Dra. Fátima Travassos na Procuradoria de Justiça

Na manhã do dia 26 de novembro de 2007, o auditório da Procuradoria Geral de Justiça do Maranhão abria suas portas para a cerimônia de posse da nova procuradora de justiça, promovida por merecimento, Maria de Fátima Rodrigues Travassos Cordeiro.

Como parte da programação da solenidade, houve missa de ação de graças, celebrada pelo Padre Antonio Santos da Silva, a qual contou com a participação de grande número de amigos, admiradores e familiares da empossada. Sentada na primeira fileira, Fátima participou ativamente da liturgia de louvor e agradecimento a Deus pela trajetória de vida e por mais essa grande vitória alcançada.



Aspecto do auditório da Procuradoria do Estado, durante a celebração da missa de ação de graças pelo padre Antonio Santos da Silva



Fátima com as filhas Fabéri e Tarsila em momento de oração



Já com as vestes talares, a Dra. Fátima Travassos recendo a ajuda da colega Dra. Nildes Sandes



Felicidade dividida com a família: Dra. Fátima ladeada pelo pai, Sr. Manoel de Jesus Travassos (Senhor Penha), as irmãs Helena e Rosirene, e a filha Fabéri.

A solenidade oficial de posse, iniciada em seguida, foi presidida pelo Procurador Geral de Justiça, Dr. Francisco das Chagas Barros de Sousa, e contou com a presença de todo o Colégio de Procuradores, órgão máximo da administração superior do Ministério Público.

Compondo a mesa, autoridades e representantes de órgãos e entidades civis

e militares, como o Procurador Geral do Estado, Dr. José Cláudio Pavão Santana (que representou o Governador Jackson Lago), o deputado vianense Nonato Aragão (representando a Assembléia Legislativa), o Desembargador Jayme de Araújo, do Tribunal de Justiça, a vice-prefeita de São Luís, Sandra Torres, a sub-Procuradora Geral Adjunta,

Dra. Selene Coelho de Lacerda, o representante do Comando Geral da Polícia Militar, Edilson Moraes Gomes, e o vice-presidente da Ampem, Dr. Vicente de Paulo Silva Martins.

Após prestar juramento perante o egrégio Colégio de Procuradores, a Dra. Fátima Travassos ouviu do Procurador de Justiça, Dr. Marco Antonio Guerreiro, a saudação de boas-vindas. Ao proferir seu discurso de posse, a nova procuradora discorreu sobre seu histórico profissional e enfatizou sua disposição em continuar lutando em defesa da sociedade, através de uma atuação firme e determinada na efetivação dos direitos e garantias sociais.

Na platéia, além dos familiares e amigos, fizeram-se presentes o prefeito de Viana, Rilvermar Luís, os padrinhos de batismo da Dra. Fátima Travassos, Dr. Walter Coelho de Sousa e sua esposa, D. Carminha, os Procuradores de Justiça aposentados, José Pereira Gomes e Rosa Maria Pinheiro Gomes, e ainda os acadêmicos Aristides Coelho de Sousa, Conceição Raposo e Luiz Alexandre Raposo.

Trecho do discurso de posse

[...] Assim trago comigo o sentimento de amor, amizade, solidariedade e partilha de vivências e dons que Deus me deu, e, dessa forma, pretendo dar a minha contribuição para o aprimoramento e fortalecimento da Justiça Criminal em nosso Estado, com o inarredável compromisso institucional de buscar sempre nas minhas manifestações perante o Tribunal de Justiça, a 3ª Câmara Criminal, o Superior Tribunal de Justiça e o Supremo Tribunal Federal a correta aplicação da lei, servir à sociedade, dedicar-me ao estudo da ciência do Direito e da boa hermenêutica das leis, colimando o combate à criminalidade e à impunidade no Estado, e, no Colégio de Procuradores, concorrer para o aprimoramento da Administração Superior do Parquet, das Procuradorias e Promotorias de Justiça e serviços auxiliares.

A nova era dos direitos difusos e coletivos exige de todos nós uma atuação mais dinâmica nas Procuradorias de Justiça, em processos, nas funções administrativas de coordenação de Centros de Apoio Operacional e nas representações ministeriais em órgãos colegiados.

O Ministério Público cresceu, extrapolou a atuação delimitada na órbita do Direito Penal e na diminuta inserção nas demandas do juízo cível, para acolher as querelas envolvendo esses interesses.

Com a força de trabalho que sempre animou o exercício de meu ministério na Primeira Instância, renovo agora o compromisso há pouco prestado, de bem fielmente cumprir a Constituição Federal, a Constituição Estadual, as leis do meu país e do Ministério Público, na promoção da Justiça, e colaborar na administração da nossa briosa Instituição.

Peço vênha para enfatizar que, no combate aos crimes contra crianças e adolescentes, na minha atuação junto à 11ª Vara Criminal desta



A nova Procuradora de Justiça assinando o termo de posse

Capital, tive a oportunidade de constatar as tristes realidades social e econômica das vítimas e avaliar a vulnerabilidade a que estão submetidas as nossas crianças e adolescentes, sujeitos a todo tipo de criminalidade e violação de direitos; além de ficar angustiada por perceber que também o agressor vivenciou experiência de violência, reproduzindo-a, de regra, no ambiente intrafamiliar.

POR QUE PRESERVAR O CEN

A polêmica surgida recentemente com o asfaltamento de (ambos em área tombada) reacende a discussão sobre o

Todos sabem que Viana é a 4ª cidade mais antiga do Maranhão, que foi colonizada pelos jesuítas e que completou, ano passado, dois séculos e meio de elevação à categoria de Vila. Entretanto, pouquíssimos vianenses têm consciência do que isso representa e da responsabilidade que pesa sobre nossos ombros de preservar algo que ateste esse passado importante.

As cidades não são estáticas e se tornam fascinantes pelo poder de crescimento e desenvolvimento. No entanto, todo esse processo pode acontecer de forma harmônica, desde que haja preocupação e respeito pelos valores básicos da história de uma coletividade, de modo que a linha de evolução não se interrompa, criando vazios, pois o passado mantém sempre relações de compromissos com o presente e com o futuro.

Viana perdeu muito de sua antiga fisionomia nas três últimas décadas. Sem atentarmos para o fato de que casas de arquitetura “moderna” não combinam com ruas estreitas calçadas de paralelepípedos, inúmeras residências de estilo colonial foram colocadas abaixo para ceder lugar a novas construções de gosto duvidoso. Alguns outros casarões desmoronaram (ou estão em vias de) pela ação do tempo e irresponsável descaso de seus proprietários. Outros ainda sucumbiram (ou sofreram mutilações desastrosas) tão-somente pela ignorância e insensibilidade de ex-administradores municipais.

Objetivando melhor esclarecer a importância da preservação desse significativo patrimônio arquitetônico composto de prédios, ruas, becos e esquinas, lugares de vida e de memória, inestimáveis como valor histórico e afetivo para tantos quantos tiveram o privilégio de nascer ou morar nesta “Cidade dos Lagos”, tentaremos esclarecer abaixo as principais dúvidas e questionamentos que normalmente surgem quando o assunto é preservação do patrimônio histórico vianense.

O que Viana ganha preservando seu patrimônio histórico?

O futuro de Viana é o turismo. Nossas terras encontram-se exau-



RIBAMAR ALVES

1980: três dos principais casarões situados na Praça Duque de Caxias, destacando-se em 1º plano o prédio azulejado (já em ruínas), onde funcionou a agência dos Correios e mais tarde serviu de residência à família do Sr. Bibi Silva

ridas e a pequena e rudimentar agricultura praticada no município (mandioca, arroz, feijão) não oferece condições reais de impulsionar a economia como nos séculos passados. A pesca, outrora fonte de renda para muitos, agora tem sua produção diminuída a cada ano e a pecuária beneficia apenas um pequeno grupo de pessoas. Conseqüentemente, o comércio cresce de maneira acanhada, pois o povo não tem dinheiro para gastar. Indústrias dificilmente virão se instalar num local de fraco movimento comercial. Não basta ter estradas asfaltadas para se promover o desenvolvimento. Portanto, o turismo coloca-se como única saída viável para tirar Viana da pobreza.

Precisamos conservar os resquícios do nosso passado colonial para podermos explorar o turismo históri-

co. E temos condições de oferecer também o turismo ecológico (ou ecoturismo) com nossos lagos, rios e igarapés no período do inverno, sem esquecer a beleza dos campos no verão. Infelizmente, parece que nossos administradores ainda não perceberam (ou não levam a sério) todo esse potencial.

Claro que para explorar o turismo, a cidade precisará contar com uma pequena infra-estrutura, como uma ou duas pousadas decentes no centro histórico, restaurantes que de fato funcionem e uma adequada campanha publicitária na capital. O resto virá com o tempo. Foi assim em Barrerinhas e Carolina. No começo, existiam pouquíssimos hotéis e restaurantes nessas cidades. Hoje, em ambas, os investimentos nesse setor aumentaram muito, gerando empregos e fazendo mais dinheiro circular na mão do povo.

Após tantas depredações e descaracterizações ainda vale preservar alguma coisa?

Sempre valerá. E quanto mais pudermos preservar, melhor. Mesmo com tantas perdas, a fisionomia geral do centro histórico (ruas estreitas e às vezes tortuosas, vários casarões bem-conservados e algumas fachadas de azulejos) ainda comprova a autenticidade colonial da cidade. Mas é preciso lutar para que não aconteçam novas depredações ou inserções em desacordo com tal fisionomia. As proporções físicas do prédio do Fórum eleitoral, ora em construção, por exemplo, ferem e agredem acintosamente aquele trecho da Rua Grande.

Como fazer a própria população valorizar e defender esse patrimônio se a maioria



LUIZ ALEXANDRE

As novas gerações de vianenses têm o direito de conhecer – pelo menos – um pouco do passado magnífico desta cidade que tanto orgulhou nossos pais e avós. É nossa obrigação, portanto, lutar pela preservação de alguns desses vestígios comprovadores da gloriosa história de Viana



LUIZ ALEXANDRE

Casa do Sr. Estrelinha: única fachada com esse modelo de azulejo português em todo o Maranhão



BICENTENÁRIO DE ESTÊVÃO RAFAEL DE CARVALHO

Há 200 anos nascia, em Viana, um dos intelectuais mais cultos e polêmicos do Maranhão.

LOURIVAL SEREJO

Em 2008 vários acontecimentos são destaques na literatura e na história do Brasil, do Maranhão e de Viana.

Em 1808, o Brasil recebeu D. João VI e toda a sua corte, fugindo das investidas de Napoleão Bonaparte. Esse fato trouxe para o Brasil inúmeros efeitos positivos, como a abertura dos portos, a criação da primeira faculdade de medicina, a fundação da Biblioteca Nacional, a unificação do território brasileiro e tantas e tantas outras realizações. Comemora-se, portanto, neste ano, os duzentos anos da chegada da Família Real ao Brasil.

Outro acontecimento nacional é o centenário da morte do Machado de Assis, expoente maior das nossas letras. Falecido em 1908, o autor de *Dom Casmurro*, deixou uma obra até hoje de inesgotáveis pesquisas e debates.

O Maranhão comemora, além dessas datas, o centenário de fundação da Academia Maranhense de Letras (1908-2008), o centenário de morte de Arthur Azevedo e os 400 anos de nascimento do Padre Antônio Vieira, que, apesar de não ser maranhense, aqui teve importante atuação como apóstolo da Companhia de Jesus.

Viana também tem um motivo especial para comemorar 2008. Trata-se do bicentenário de nascimento de um dos seus filhos mais ilustres: Estêvão Rafael de Carvalho. A Academia Vianense de Letras não poderia deixar essa data passar em branco sem alertar os vianenses sobre tal efeméride.

Estêvão Rafael de Carvalho nasceu em Viana, em 1808, de família tradicional, sendo seus pais João de Carvalho Santos e Margarida Francisca de Araújo Carvalho. Ainda moço seguiu para Coimbra (Portugal), onde foi continuar seus estudos em nível superior, em Matemática e Filosofia. Era casado com dona Olívia de Jesus Soeiro de Carvalho

com quem teve um filho que trazia o mesmo nome no pai.

Estêvão Carvalho era professor, orador, parlamentar e jornalista. Foi

eleito deputado à Assembléia Geral para a legislatura de 1834-1837, durante a qual teve atuação marcante, pela sua inteligência e suas intervenções irônicas e cheias de mordacidade, com propostas polêmicas que despertaram grandes discussões na Corte. Foi, também, membro destacado da Assembléia Provincial. Deixou várias contribuições literárias e jornalísticas de considerável valor. Publicou, em 1837, *A Metafísica da Contabilidade Comercial* e traduziu do alemão o poema *A primavera*, de Kleist.

Estêvão Carvalho era um homem destemido, dotado de uma inteligência penetrante, que se destacou em todas as suas atividades, seja como jornalista, professor ou parlamentar. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Inspetor do Tesouro Público Provincial. Foi, também, juiz ordinário, em sua cidade natal.

Seu nome ficou definitivamente ligado ao jornal que fundou, em 1838, *O Bem-te-vi*¹, que se caracterizava por sua linguagem veemente e combativa.

Para Sebastião Jorge, *O Bem-te-vi* foi um dos jornais mais polêmicos de sua época. Era um jornal bem escrito, o que identificava a formação cultural de seu editor. Nos seus mais de três meses de atividades, deixou um rastro de inquietação, controvérsias, sendo alvo de insul-

tos, acusações e defesas.²

O *Bem-te-vi* não foi a causa direta da Balaiada, evidentemente, pois o contexto social e político esta-

va propício para a eclosão daquele movimento. Mas ninguém pode negar sua influência decisiva para a evolução do movimento, tanto que os *balaios* se identificavam com os *bem-te-vis*, em oposição aos *cabanos* e o chefe dos escravos aquilombados era chamado de D. Cosme Bento das Chagas, Tutor e Imperador das Liberdades *Bem-te-vis*.³

Para Astolfo Serra, não há dúvida quanto à relação do *Bem-te-vi* com a eclosão da Balaiada:

Estavam Rafael de Carvalho foi, sim, o principal responsável intelectual da Balaiada. O seu jornal *O Bem-te-vi* deu nome aos rebeldes já que o dera à facção política a que se diziam pertencer os *balaios*.⁴

Pelo seu caráter decidido e pelas consequências de suas idéias, compara-se a outro vianense, Celso Magalhães. Ambos foram demitidos de seus cargos por se oporem ao governo estadual e ambos eram abolicionistas. Firme nesse posicionamento, Estêvão Carvalho propôs, no parlamento, seu primeiro projeto, declarando livres os escravos nascidos a partir de então. Mais tarde, essa idéia seria aproveitada para tornar-se a conhecida como a *Lei do Ventre Livre*.

Vale a pena transcrever algumas

passagens de Antônio Lopes sobre seu ilustre conterrâneo, Estêvão Rafael de Carvalho:

No decurso de uma existência que não passou dos trinta e oito anos Estêvão Rafael havia de guardar fidelidade às inclinações manifestadas mal ainda saíra da adolescência, e persistir naquele amor ao estudo que lhe proporcionou vasto cabedal de conhecimentos em vários ramos da ciência. Dotado de extrema facilidade para aprender línguas, traduziu o latim, o grego, o francês, o inglês, o italiano, o alemão e o castelhano e sabia algo de tupi-guarani [...]⁵

A originalidade das suas idéias corria parrelha com a vivacidade da sua palavra e o seu sarcasmo, que ele manejava como um florete, com a destreza de esgrimista consumado. Na tribuna parlamentar esteve sempre em defesa da sinceridade, honestidade e lealdade contra a hipocrisia, o latrocínio, a traição. Mas de uma vez esse Cyrano de Bergerac mostrou o quanto se comprazia em suscitar para si inimigos, a fim de os desnortear com o efeito da sua mordacidade ora excêntrica, ora flagelante.⁶

Estêvão Rafael da Carvalho faleceu em 26 de março de 1846, em São Luís, aos 38 anos de idade.⁷

1 A grafia original é Bemtevi. Adota-se aqui a grafia Bem-ti-vi..

2 Jorge, Sebastião. A linguagem dos pasquins. São Luís: Lithograf, 1998, p. 98.

3 Nota do autor: segundo o historiador Mário Meireles (História do Maranhão. Dasp, 1960, p. 259), por Bem-te-vis acabaram sendo chamados os liberais, os republicanos, os da oposição, os inconformados.

4 Serra, Astolfo. A Balaiada. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1946, p. 248.

5 Lopes, Antônio. História da imprensa no Maranhão, p. 85.

6 ob.cit. p. 89

7 Alguns autores (Antônio Lopes, Astolfo Serra) dão essa data como 27 de março. Nascimento Moraes Filho confirma a data de 26 de março.

SUPERMERCADO SANTA HELENA

Servindo a coletividade vianense há 48 anos!

Rua Dr. Castro Maia, 230

Fone: 3351 0281

Viana – Maranhão

DISTRAL – Distribuidora de Bebidas Ltda.

Há 17 anos saciando pra valer a sede do vianense!

Av. Prefeito Luís de Almeida Couto, 322

Fone: 3351 1095

Viana - Maranhão

UM ACADÊMICO, UM PATRONO

FÁTIMA TRAVASSOS

Uma vianense de muitos méritos

Luiz Alexandre Raposo

Sexta filha do casal Manoel de Jesus Travassos e Maria José Rodrigues Travassos, Maria de Fátima Rodrigues Travassos nasceu em Viana, no dia 21 de setembro de 1958, sob os cuidados profissionais da parteira Maria do Espírito Santo Neves, mais conhecida como “Mãe Santinha”.

Como a maioria dos membros da AVL, Fátima também fez o curso primário no tradicional Grupo Escolar Estevam Carvalho e o ginásio no Ginásio Antônio Lopes. Estudou na Escola Normal N. S. da Conceição até o 2º ano, transferindo-se, em 1976, para São Luís, onde concluiu o curso normal no Liceu Maranhense.

Em janeiro de 1977 foi aprovada para o Curso de Letras e em julho do mesmo ano submeteu-se a novo vestibular, desta feita para o Curso de Direito, ambos da UFMA. De início, a estudante universitária ainda tentou frequentar simultaneamente os dois cursos, mas acabou abandonando o primeiro para dedicar-se exclusivamente ao segundo. Em 1980, mudou-se para Brasília, bacharelando-se ali, em Direito, pela Universidade do Centro Unificado de Brasília (UNICEUB), em julho de 1981.

Dois anos depois, a jovem advogada casou-se com Robério Geraldo Pimenta Ribeiro, nascendo dessa união suas duas filhas: Fabéri e Tarsila. O ingresso no Minis-

tério Público, através de concurso, somente aconteceria em 1987. E mesmo com as filhas pequenas, Fátima assumiu por dois meses, como Promotora de Justiça substituta, a Comarca de Pedreiras. Logo em seguida foi titularizada para a distante Comarca de Riachão, atuando ali em defesa dos direitos da coletividade por quase dois anos.

Removida para a Comarca de Dom Pedro, em 1989, a nova promotora liderou, naquela cidade, diversas atividades pertinentes ao seu trabalho, como um seminário sobre meio ambiente e drogas e a criação (com o apoio local da Câmara de Vereadores) do 1º Conselho Municipal de Entorpecentes do Maranhão, além de ministrar palestras sobre drogas nas Comarcas de Barão do Grajaú e São Luís.

Depois de passar pelas Comarcas de Rosário, Imperatriz, Itapecuru-Mirim e Bacabal, Fátima foi promovida (sempre por merecimento) para a 1ª Promotoria de Justiça da Comarca de São Luís, oficiando perante a 1ª Vara da Fazenda Pública por mais de dez anos.



Nesse ínterim, em 1996, Fátima se uniu em segundas núpcias ao advogado contrarrâneo Raimundo Nonato Rodrigues Cordeiro. Por esses infortúnios próprios da vida, depois de nove anos de casados, Raimundo faleceu em agosto de 2005.

Eleita presidente da Associação do Ministério Público do Estado do Maranhão (Ampem) por dois biênios consecutivos (2000/2004), a dinâmica promotora desenvolveu importantes iniciativas em benefício dos associados, como o intercâmbio com outras entidades congêneres, a criação da “Revista da Ampem” e um programa de TV (ambos visando à divulgação do trabalho dos membros do Ministério Público estadual), ou ainda a instituição da Medalha de Honra ao Mérito e a criação da bandeira da associação.

Em setembro de 2003, Fátima foi removida para a Promotoria de Justiça de São Luís Especializada em Crimes contra a Criança e o Adolescente, ali atuando por quatro anos, até ser promovida ao cargo de Procurador de Justiça, em novembro último. Por coincidência, para preencher a vaga aberta pela aposenta-

doria da Procuradora Rosa Maria Pinheiro Gomes (igualmente vianense e igualmente membro da AVL).

Fátima Travassos possui um extenso currículo que inclui cursos de pós-graduação (*Especialização em Direito Processual Civil, Especialização em Docência na Educação Superior e Inteligência e Gerenciamento de Crises*), a presidência da Associação Brasileira das Mulheres de Carreira Jurídica – comissão do Maranhão (2003/2006), sem falar nas diversas medalhas de “Honra ao Mérito”, com as quais foi agraciada ao longo de sua trajetória profissional.

O artigo “Audiência preliminar nas ações de interesse da Fazenda Pública”, de sua autoria, ganhou destaque nas revistas *Júris Itinera* e *Revista de Direito Atual*, antes da Editora Síntese transformá-lo em livro, publicado em dezembro de 1999.

Fora da carreira jurídica, a sexta filha de Senhor Penha e D. Zeca tornou-se uma mãe abnegada e, recentemente, também uma jovem e feliz avó. No ano passado, sua caçula Tercila lhe presenteou com o neto, Vinicius, nascido em Brasília.

Membro Fundador da Academia Vianense de Letras (na qual ocupa a Cadeira nº 12, patroneada pelo insigne Celso Magalhães) e próxima de completar meio século de profícua existência, a católica praticante Maria de Fátima Rodrigues Travassos Cordeiro atribui tudo o que conseguiu à sua fé inabalável em Deus e à educação recebida dos pais.

MANUEL LOPES DA CUNHA

1º vianense Governador do Estado

Luiz Alexandre Raposo

Quando Manuel Lopes da Cunha nasceu, em 25 de julho de 1855, fazia menos de um mês que a antiga Vila de Viana havia sido elevada à categoria de cidade (fato ocorrido em 30 de junho daquele mesmo ano).

Alcançar tal *status* representava o justo coroamento de uma reivindicação do povo vianense que vinha lutando por esse objetivo, através dos deputados provinciais, há pelos menos três décadas. Assim, o novo vianense veio ao mundo num momento marcante e de grande otimismo para a população da nova cidade. Seus contemporâneos, entretanto, mal poderiam imaginar que o primeiro filho da terra a governar o Maranhão acabava de nascer.

Fruto do casal José Mariano da Cunha (deputado provincial do Maranhão na legislatura 1848/1849) e Maria Quitéria Magalhães da Cunha, o menino recebeu o nome de Manuel em homenagem ao avô materno, o português e médico pela Universidade de Coimbra, Manuel Lopes de Magalhães. Inclusive, seu irmão mais velho, o notável Celso Tertuliano da Cunha Magalhães, teve o sobrenome modificado também em homenagem a esse mesmo avô (em vez de Celso Tertuliano Magalhães da Cunha, foi registrado da Cunha Magalhães), em cumprimento à promessa da mãe, Maria Quitéria, feita ao velho genitor,

de dar o sobrenome “Magalhães” ao primeiro varão da família.

Além de Celso Magalhães, Manuel tinha mais três irmãos: Filadelfo Lopes da Cunha (que se tornou oficial do Exército) Maria Amália Lopes da Cunha e Luiz Antônio Lopes da Cunha (este último casou-se com Zina, irmã do Dr. Castro Maia, engenheiro e milionário residente no Rio de Janeiro).

Como os irmãos, Manuel foi alfabetizado pelo avô médico, falecido quando o garoto contava 12 anos de idade. Pouco depois, o adolescente foi encaminhado para São Luís, a fim de continuar os estudos no extinto Seminário das Mercês. Desejoso de seguir a carreira jurídica (provavelmente influenciado pelo exemplo do irmão, Celso Magalhães) fez os estudos preparatórios no Liceu Maranhense, antes de seguir para a capital pernambucana.

No início de 1879, aos 23 anos, depois da perda recente do pai, o jovem Manuel deixava o Maranhão para iniciar o curso de Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de Recife. Em 9 de junho desse mesmo ano, uma nova tragédia abater-se-ia sobre a família Lopes da Cunha: falecia prematuramente em São Luís, vítima de “febre perniciososa”, o ex-Promotor Público da cidade, Celso Magalhães.

Os infortúnios sofridos na família, contrabalançados pela certeza de um futuro promissor, instigariam o jovem vianense a dedicar-se avi-

damente aos estudos puxados do curso de Direito. Foram cinco anos de vida acadêmica, período em que teve como colegas de turma outros futuros ilustres maranhenses, entre os quais se destacam: Francisco José Viveiros de Castro, Isac Martins dos Reis e Luiz Antônio Domingues da Silva.

Manuel Lopes da Cunha graduou-se no dia 3/11/1883, aos 28 anos de idade. No ano seguinte, após retornar ao Maranhão, foi nomeado Promotor Público da Comarca de Viana, cargo ocupado durante dois anos, quando foi promovido a Juiz Substituto dessa mesma Comarca. Em 1888 foi transferido para a Comarca do Baixo Mearim (hoje Vitória do Meirim), ainda como Juiz de Direito.

Foi por essa época que o magistrado contraiu núpcias com Maria de Jesus Sousa Lopes da Cunha, nascendo dessa união outros dois vianenses renomados: Antônio Lopes da Cunha (1889) e Raimundo Lopes da Cunha (1894).

O ingresso na política aconteceu por intermédio do amigo e grande incentivador, Benedito Leite. Dessa forma, numa campanha vitoriosa que contou com o apoio do prestigiado chefe político, além de receber a adesão maciça não somente de Viana, mas de toda a Baixada, o Dr. Manuel Lopes da Cunha, aos 46 anos, elegeu-se Governador do Estado para o quadriênio 1902/1906, assumindo o cargo no dia 3/3/1902.

Uma grave doença, entretanto, o

fez renunciar ao mandato sete meses depois, para decepção e tristeza dos vianenses que viram frustrados seus sonhos de melhorias para a cidade. A morte prematura do irmão, anos antes, certamente lhe dava motivos de sobra para se precaver. Entre continuar no poder, arriscando a própria vida, ou desistir do governo e cuidar da saúde, tomou a decisão mais sábia: mudou-se com a família para o Rio de Janeiro em busca de tratamento médico especializado. Na então Capital Federal residiu por quase quatro anos, conseguindo curar-se da moléstia que o afligia.

De volta ao Maranhão, foi nomeado Procurador-Geral do Estado, função exercida por curto tempo, pois logo se tornou Desembargador do Superior Tribunal de Justiça, tomando posse no dia 4/4/1907. Eleito presidente da casa, em fevereiro de 1924, o Dr. Manuel Lopes da Cunha faleceu repentinamente no dia 5 de setembro desse mesmo ano, aos 69 anos de idade.

Por tamanha notabilidade em vida, Manuel Lopes da Cunha foi eleito patrono da Cadeira nº 18 da AVL, cujo titular é o Desembargador aposentado, Júlio Araújo Aires.

Nota: Apesar dos altos cargos exercidos pelo biografado, não foi possível localizar uma fotografia sua em boas condições de reprodução.

Por quem dobravam os velhos sinos da Matriz...

Ainda pelo transcurso dos 250 anos de Viana, o governo do Estado (através da Secretaria de Cultura) presenteia a cidade com a construção de um campanário para exposição pública dos históricos sinos da Igreja Matriz

LUIZ ALEXANDRE RAPOSO

Provavelmente a história dos sinos da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Viana não possui similar em todo o mundo.

Fundidos na fábrica da Rua Augusta, em Lisboa, no ano de 1848, os sinos acompanharam a caminhada do povo vianense por quase um século e meio. Segundo relatos dos mais antigos, esses sinos repicavam tantos nos momentos festivos e importantes – como a vitória do Brasil na Guerra do Paraguai (1869), a abolição da escravidão (1888) ou o final da II Guerra Mundial (1945) – como igualmente nos momentos de infortúnio, conclamando os habitantes da antiga Vila (e depois cidade) para árduas tarefas de combate aos incêndios e outras calamidades.

Gerações e gerações de vianenses, portanto, tiveram suas vidas embaladas pelo repicar dos sinos no alto da Matriz. Travassos Furtado (1912-1990), por exemplo, contava ter vivido toda sua infância sob os acordes desses instrumentos de bronze, cuja sonoridade, segundo o poeta e escritor, excedia a de todos os demais sinos existentes no Maranhão.

No final da década de 1970, os dois históricos sinos foram retirados do campanário da torre da igreja e substituídos por um novo par de instrumentos. Motivo: um dos sinos apresentava uma pequena rachadura, o que prejudicava sensivelmente o repique sonoro do conjunto. Por essa época, a Diocese de Viana era dirigida por D. Adalberto de Paula e Silva.

A venda criminoso - Em 1982, descobriu-se que os sinos não mais se encontravam em Viana, pois no ano anterior haviam sido adquiridos pelo governador João Castelo e incorporados ao Patrimônio Cultural do Estado, em São Luís. O autor da venda ilegal foi o bispo D. Adalberto e o valor recebido pelas peças foi de Cr\$ 1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil cruzeiros antigos). Descobriu-se ainda que os sinos tinham sido transportados para a capital num caminhão da Cervamar, em meio a grades de vasilhames da extinta Cervejaria Maranhense, para não despertar a atenção das pessoas.

O difícil resgate – Deflagrou-se a partir daí uma campanha pela recuperação dos sinos, a qual contaria com a adesão de vários vianenses radicados em São Luís e fora do estado. No Rio de Janeiro, cientificado do ocorrido pelo Padre Eider Silva, o jornalista Benedito Francisco Silva aliou-se à conterrânea, Dilú Mello, nessa empreitada que se arrastaria por longos cinco anos. Na capital maranhense, o então recém-formado advogado Francisco José Pinto Silva buscou-se incansável no enfrentamento da burocracia da administração pública.

Mesmo após inúmeros apelos e solicitações formais dos vianenses (incluindo denúncias na imprensa), a máquina administrativa estadual mantinha-se impassível. Foi necessário apelar para a mídia nacional, a fim de forçar os dirigentes maranhenses a devolverem os sinos ao povo vianense.

O apoio da Hebe Camargo – No Rio de Janeiro, Dilú Mello telefonou para Hebe Camargo (amiga de longas datas que, na época, apresentava seu programa semanal na TV Bandeirantes), solicitando sua ajuda, no que foi prontamente atendida: a produção do programa designou o jornalista Saulo Gomes para fazer uma matéria sobre o caso dos sinos, exibida em dezembro de 1983.



Os valiosos sinos, tombados como Patrimônio Cultural do Maranhão pelo Conselho Estadual de Cultura, em sessão do dia 11/5/1992, cujo decreto foi assinado pelo então governador Edison Lobão

LUIZ ALEXANDRE



GERALDO COSTA

A Igreja Matriz com o campanário de madeira recém-construído à direita

No final da reportagem, a própria Hebe fez o apelo de público: *Devolvam os sinos de Viana. Devolvam os sinos da cidade de minha amiga Dilú Mello.* Em questão de minutos, o programa obteve a resposta do Governo do Maranhão, através de um telefonema do então secretário de Cultura, Joaquim Itapary, comunicando a decisão do governador Luiz Rocha de devolver os sinos à igreja de origem.

A volta dos sinos – Arrastando-se lentamente, a burocracia da administração pública só liberou os sinos, em regime de comodato, quase três anos e meio depois da promessa feita ao vivo no programa da Hebe Camargo.

Finalmente, no dia 6 de junho de 1987, os sinos retornaram a Viana, sendo recebidos em festa pela comunidade local. Guardados inicialmente no Fórum da cidade, os instrumentos só obtiveram sua exposição pública cinco anos depois, quando a Secretaria de Cultura do Estado mandou construir um pequeno campanário no jardim da Prefeitura, inaugurado em 4/7/1992.

Mal projetado, entretanto, o campanário de alvenaria não suportou por muito tempo o peso dos dois sinos que, esquecidos novamente pela população e pelos dirigentes municipais, foram guardados no prédio da Merenda Esco-

lar por vários anos, até que o bispo atual, D. Xavier Gilles, mandasse recolhê-los ao Palácio Episcopal.

O novo campanário – Em dezembro último, depois de insistentes pedidos do Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico de Viana à Secretaria de Estado da Cultura, por intermédio do DPHAP, um novo, mais alto e mais resistente campanário de madeira pau d'arco foi construído ao lado da Matriz, a fim de que os sinos tradicionais possam ser admirados, evitando assim que a memória vianense esqueça dessas peças tão importantes para o acervo histórico da cidade.



O prédio da Prefeitura com o campanário construído em 1992

* Para saber mais sobre a venda e a recuperação dos sinos, consulte o livro "Dilú Mello – Um expoente da Música brasileira" (pág. 263 a 274).

Os sinos através da História(*)

BENEDITO FRANCISCO SILVA

Os sinos são os mais antigos instrumentos de percussão da humanidade. Não se sabe ao certo há quanto tempo existe o artesanato da fundição de sinos. Mas deve fazer muito, muito tempo. Informam os historiadores que já no primeiro milênio AC os chineses fundiam sinos de bronze, uma mistura de cobre e de zinco. Os gregos, dizem, aprenderam esta arte só bem mais tarde. Os mais antigos sinos gregos foram produzidos no início do século VII AC e possuíam apenas 10 centímetros de altura. Eram usados para pendurar nas testas dos cavalos de guerra, com o objetivo de assustar o inimigo mediante muito barulho. Todo o trabalho da fundição era artesanal, desde o planejamento até a afinação. Durante a Idade Média, nada mudou nesse processo.

O sino da comunidade era tocado (como acontece ainda hoje em cidades pequenas) em casos de perigo; anunciava também o fim da jornada diária e barulhenta dos ferreiros (profissão muito em voga na antiguidade) e a hora do fechamento das tabernas, conta a história.

Com o decorrer dos tempos, a função dos sinos foi tomando outro uso e passaram a tocar somente nas torres das igrejas, ligando assim o seu repicar à religiosidade popular. Ao longo dos séculos, poetas do mundo inteiro se deixaram fascinar e inspirar pelos nostálgicos ou festivos acordes dos sinos, inclusive os vianenses, como Celso Magalhães, Astolfo Serra e Travassos Furtado.

São da autoria deste último, os versos abaixo transcritos, subtraídos do belo poema intitulado "As Portas do Tempo" (publicado no seu livro *Minha Vida, Minha Luta*), reverenciando os sinos da Matriz de N. S. da Conceição:

Até a voz de seus sinos
Que espalha tanta doçura,
Tem alma, tem sentimento
Como qualquer criatura.

Por ser assim maviosa
Agrada crentes e ateus,
Chega mais perto do céu
E dos ouvidos de Deus.

(*) Texto extraído da matéria intitulada "Bispo vende sinos e imagens da Igreja Matriz de Viana, no Estado do Maranhão", publicada pela **Revista Nacional** (8 a 14 de janeiro de 1984), encarte distribuído por 22 jornais em todo o território brasileiro.